

A DOCÊNCIA DO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Bruno do Nascimento Silva¹; Jarles Lopes de Medeiros²

¹Graduando em Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Tauá, Ceará, Brasil, E-mail: brunin.silva@aluno.uece.br

²Doutor em Educação, professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Email: jarles.lopes@uece.br

Resumo

A educação infantil, enquanto primeira etapa da educação básica, desempenha papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. No entanto, esse campo é historicamente marcado pela feminização do magistério, o que contribui para a baixa inserção de homens na docência voltada à infância. Este artigo tem como objetivo analisar os fatores que dificultam a presença masculina na educação infantil, bem como os impactos, desafios e contribuições de sua atuação, considerando o processo histórico de feminização do magistério. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada no método do Estado da Arte. O levantamento das produções acadêmicas foi realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, abrangendo o período de 2022 a 2025, a partir de descritores relacionados à docência masculina e à pedagogia na educação infantil. Os resultados indicam que professores homens enfrentam estigmas, preconceitos e desconfianças, especialmente associadas ao cuidado das crianças pequenas, além de uma vigilância constante por parte da comunidade escolar. Por outro lado, os estudos analisados evidenciam que a presença masculina contribui para a ampliação das referências de gênero, para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Conclui-se que a inserção de homens na educação infantil é relevante para a formação integral das crianças e para o fortalecimento de uma educação pautada na diversidade e na equidade de gênero.

Palavras-chave: Educação Infantil. Docência masculina. Gênero. Feminização do magistério. Pedagogia.

Introdução

A educação infantil é o primeiro nível da educação básica e tem um papel muito importante no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Geralmente, as escolas de educação infantil são predominantemente compostas por mulheres. Isso acontece por causa de construções históricas e culturais que associam o cuidado e a docência à figura feminina.

A presença de homens nesse ambiente ainda é vista como algo incomum, o que nos leva a refletir sobre questões de gênero, preconceito e identidade profissional na área da pedagogia. O interesse em abordar esse assunto surgiu a partir de experiências ocorridas durante as

atividades de extensão no Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e de estágios em instituições de ensino.

Nesse percurso, foi possível observar os olhares de preconceito de pais e responsáveis sobre quem estava esperando ansiosamente para o primeiro contato com a futura profissão. De início, o medo do julgamento em ocupar um espaço majoritariamente pensado para mulheres, como dita a sociedade, causava uma sensação de frustração, visto que pouco se fala das importantes contribuições do masculino nas salas de educação infantil.

De acordo com Ferreira e Oliveira (2019), a atuação docente na educação infantil tem sido tradicionalmente ligada ao cuidado, uma atribuição que, culturalmente, relaciona-se ao universo feminino, excluindo os homens do papel de educadores. Observamos que a presença masculina em ambientes educacionais, especialmente nas salas de aula de educação infantil, é atravessada por preconceitos e incompreensões.

Em uma sociedade em que o principal agressor do feminino é o masculino, muitos homens enfrentam estigmas e barreiras ao optarem por trabalhar na educação infantil, pois existe uma generalização acerca do que é ser homem, uma vez que este é potencialmente concebido como violento, sobretudo sexual. O receio das famílias é legítimo, uma vez que elas têm preocupações e cuidados com seus filhos. Porém, não podemos incorrer em riscos de generalizações, o que culmina em preconceitos e estereótipos de gênero.

Hoje, a família brasileira modificou-se muito ao longo das décadas, passando de tradicional para algo plural, muitas vezes desestruturadas e fora do padrão comum imposto pela sociedade. Desse modo, por exemplo, ainda existem famílias homoafetivas, que são totalmente estruturadas, mas julgadas e inviabilizadas pela sociedade. Além disso, é comum mães solo vivendo em ambientes quase totalmente isolados da presença paterna ou masculina.

A discussão aqui não busca impor a presença masculina na educação infantil, mas suscita reflexões acerca dos papéis sociais do homem e da mulher. O ponto a se destacar é que a criança em fase de desenvolvimento, segundo Piaget, (1972) a criança molda o seu conhecimento através da interação com o meio e dos processos de assimilação e acomodação que ocorrem quando ela entra em contato com novas situações e objetos. Ou seja, o contato com o masculino e o feminino deve fazer parte do processo de desenvolvimento.

A importância deste estudo está na necessidade de expandir o debate sobre gênero na docência, especialmente na educação infantil, fase que forma as bases do desenvolvimento humano. A escassez de professores homens nesse setor contribui para a perpetuação de estereótipos e limita a experiência das crianças com diferentes modelos de referência afetiva e pedagógica.

O objetivo geral consiste em analisar os fatores que dificultam a inserção de homens na educação infantil, bem como os impactos e desafios de sua atuação, à luz do processo histórico de feminização do magistério e das contribuições da presença masculina na formação inicial das crianças.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos consistem em uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada no método do Estado da Arte. Sobre o método qualitativo, Medeiros e Jucá (2021) defendem que essa abordagem possibilita ao pesquisador interagir com diversas áreas do saber e investigar as subjetividades, contribuindo para uma avaliação mais abrangente e sensível da realidade em estudo.

Em relação ao Estado da Arte sobre a docência masculina na educação infantil, identificamos estudos que evidenciam que há concentração dessas pesquisas nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, com poucas investigações no Norte. Essa constatação mostra uma lacuna importante.

Desse modo, realizamos uma busca no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)¹, utilizando como descritores PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL e PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, no período compreendido entre 2022 e 2025, todos escritos em língua portuguesa. Desse modo, após a leitura das pesquisas encontradas, foram selecionadas seis que cumpriam o objetivo central da pesquisa –analisar as contribuições e desafios da presença masculina na educação infantil –, as demais foram excluídas por abordarem temas tangenciais.

Feminização do magistério e presença masculina na educação infantil

Quando se fala sobre a historicização da presença masculina na formação inicial das crianças é importante destacar que ao longo do texto quase sempre tudo se volta à feminização do magistério, pois ambos estão interligados para a compreensão desse processo. Entretanto, também se nota que a figura masculina na educação infantil no Brasil é resultado de um extenso processo histórico marcado pela feminização do magistério e pela construção social da associação entre mulher, maternidade e cuidado, sobretudo ligado ao patriarcado, presente desde o Brasil Colônia.

¹ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Advanced>. Acesso em: 06 fev. 2026.

De acordo com Silva (2020), para entender a ausência masculina na docência e na formação inicial em pedagogia, é preciso voltar-se para os acontecimentos históricos, culturais e sociais que moldaram e modificaram a profissão docente desde o século XIX. Como entendemos anteriormente, a relação da mulher com os cuidados maternos contribuiu significativamente para a sua presença em maior parte nas séries iniciais.

Portanto, para entender o debate a respeito da presença masculina na formação inicial é preciso buscar os fatores dentro de um processo histórico aprofundado. Para tanto, é necessário alinhar-se ao Estado da Arte como levantamento para compreender o surgimento, os acontecimentos e os fatores históricos envolvidos.

Desse modo, no início do século XX, o magistério foi aos poucos sendo associado ao cuidado, à sensibilidade e ao trabalho doméstico, que, culturalmente, foram atribuídos às mulheres. Ao longo das décadas, os cursos de pedagogia se transformaram majoritariamente em femininos. Pesquisadores que estudam a respeito do tema evidenciam que essa feminização não ocorreu por acaso, mas foi resultado de políticas educacionais e discursos sociais que contribuíram para esse processo. Segundo Santos e Sousa (2023), a História enfatiza que ao longo do tempo a expectativa de que ser o “bom professor” dos anos iniciais deveria ter qualidades tradicionalmente vistas como femininas, o que afastou muitos homens desse campo.

É fundamental perceber que a predominância feminina no curso de pedagogia se consolidou junto à expansão da escola pública e da educação infantil no Brasil, à medida que o Estado começou a contratar mais professores para atuar na alfabetização e no cuidado de crianças pequenas. A historicização do magistério mostra que, desde o Brasil Império e especialmente ao longo da Primeira República, o processo educativo foi profundamente influenciado por transformações sociais, políticas e culturais que moldaram o perfil daqueles que ingressavam na docência (Freire, 2022).

No início, o magistério era exercido majoritariamente por homens, já que a escolarização feminina ainda era restrita. Entretanto, conforme o país avançou para um modelo de escolarização pública e massiva, sobretudo entre o final do século XIX e início do século XX, as mulheres passaram a ocupar de forma crescente esse espaço, impulsionadas por discursos que associavam a educação das crianças a um papel considerado naturalmente feminino. Assim, a feminização do magistério não surgiu de maneira espontânea, mas foi fruto de um conjunto de fatores históricos que reorganizaram a estrutura da educação brasileira (Freire, 2022).

Ao longo do século XX, esses discursos se consolidaram, especialmente quando a educação infantil passou a ser regulamentada e reconhecida como etapa fundamental da

escolarização. A construção social que vinculava mulher e maternidade reforçou a ideia de que o cuidado com as crianças pequenas exigia características como paciência, delicadeza e sensibilidade – atributos culturalmente atribuídos às mulheres (Freire, 2022).

Esse imaginário afastou sistematicamente os homens da docência nas séries iniciais, ao mesmo tempo em que fortalecia a presença feminina nos cursos normais e, posteriormente, nas licenciaturas e cursos de pedagogia. Portanto, a ausência masculina não pode ser analisada sem considerar o percurso histórico que definiu lugares distintos para homens e mulheres dentro do espaço escolar.

É justamente diante desse cenário que se entende a importância de historicizar o tema da presença masculina na formação inicial e na educação infantil. Quando olhamos para a história da educação brasileira percebemos que a construção da docência como espaço feminino criou marcas profundas que ainda influenciam a realidade atual, desde a escolha profissional até a permanência e aceitação de homens na área. Assim, recuperar essa trajetória histórica não é apenas compreender o passado, mas reconhecer como ele estrutura o presente e condiciona debates contemporâneos sobre gênero, docência e cuidado.

Destacar esse percurso histórico fortalece a compreensão de que a questão não é individual, mas estrutural, e que somente a partir desse entendimento é possível avançar para uma educação que valorize igualmente todos os profissionais, independentemente de gênero.

Panorama das produções acerca da docência masculina na educação infantil: Estado da Arte

Diante do exposto, torna-se imprescindível ampliar as discussões sobre gênero e docência a partir de uma perspectiva crítica, que questione os estereótipos historicamente construídos em torno da profissão docente e das funções atribuídas a homens e mulheres no espaço escolar. A presença masculina na pedagogia e, de modo específico, na educação infantil não deve ser compreendida como uma exceção ou como um fenômeno isolado, mas como parte de um processo mais amplo de transformação das relações de gênero na sociedade e na escola.

Conforme apontam Santos e Sousa (2023), a reflexão sobre as trajetórias de homens na docência contribui para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, ao mesmo tempo em que favorece a valorização da diversidade e o enfrentamento de concepções naturalizadas que associam o cuidado e a educação das crianças pequenas exclusivamente ao feminino. Dessa forma, problematizar a presença masculina nesse campo possibilita ampliar os debates sobre igualdade de gênero, formação docente e o papel social da escola na desconstrução de estigmas e preconceitos.

Desse modo, para aprofundar a compreensão dessa problemática, torna-se necessário analisar o que já tem sido produzido no âmbito acadêmico acerca da atuação de professores homens na educação infantil. Para tanto, recorre-se ao procedimento metodológico conhecido como Estado da Arte, que se configura como uma estratégia fundamental para a sistematização do conhecimento científico.

Segundo Ferreira (2002), o Estado da Arte consiste em mapear, organizar e analisar as produções acadêmicas existentes sobre determinado tema, buscando identificar o que já foi investigado, em quais contextos, períodos e espaços institucionais, bem como as perspectivas teóricas e metodológicas que orientam essas pesquisas. Esse tipo de levantamento possibilita não apenas reconhecer avanços e contribuições já consolidadas, mas também evidenciar lacunas, silenciamentos e desafios que ainda persistem no campo de estudos sobre gênero, docência e a presença masculina na educação infantil.

Esse mapeamento de pesquisa ajuda a compreender e identificar tendências, os enfoques recorrentes bem como as contradições e avanços que foram levantados no campo de conhecimento investigado. Portanto, o Estado da Arte não é apenas uma lista de pesquisas ou mapeamento, e sim uma análise crítica do que já existe e de como esse conhecimento vem sendo construído e produzido.

Quadro 1 – Estado da Arte sobre homens na educação infantil

Autor	Título	Cidade
Andrade (2022)	Homens pedagogos: uma análise do trabalho docente na educação infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022)	Goiânia (GO)
Miranda (2022)	Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) de Belo Horizonte: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores.	Belo Horizonte (MG)
Ferreira (2023)	Vivências e experiências de professores homens na educação infantil: entre práticas e sentidos.	Anápolis (GO)
Leandro (2023)	A presença ainda incomum do homem nos ambientes da Educação Infantil: motivações para ingresso e permanência de profissionais de Campo Grande-MS.	Corumbá (MS)
Lima (2024)	A experiência de ser homem e professor na educação infantil em Fortaleza.	Fortaleza (CE)
Bard (2025)	Professores homens na educação de crianças de 3 e 4 anos: narrativas infantis.	Campo Grande (MS)

Fonte: elaborado pelos autores a partir de pesquisa na DBTD.

Os resultados analisados mostram que a presença masculina na Educação Infantil é bastante reduzida e marcada por tensões, estereótipos e vigilância constante, sobretudo no que se refere ao cuidado com as crianças e às expectativas sociais relacionadas ao gênero. Os participantes relataram desafios ligados à aceitação por parte de famílias e colegas, à suspeição

inicial quanto à sua atuação e às dificuldades decorrentes do imaginário que associa o trabalho com crianças à figura feminina.

Apesar disso, a pesquisa mostra que esses pedagogos contribuem para ampliar referências de gênero, romper preconceitos e fortalecer práticas pedagógicas que valorizam a diversidade apesar dos obstáculos encontrados. De modo geral, o estudo evidencia as complexidades das masculinidades no contexto da Educação Infantil e reafirma a importância da presença de homens nesse espaço educacional para desmistificar estereótipos.

A pesquisa de Miranda (2022) – “Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) de Belo Horizonte: desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professor” – tem caráter qualitativo e os sujeitos foram professores homens atuantes nessas instituições, entrevistados para entender suas percepções a respeito da prática docente, reconhecimento profissional e limites impostos pelas representações sociais.

O lócus da pesquisa foram as próprias EMEIs, o que possibilitou observar a interação dos professores com as crianças, famílias e demais profissionais. Os achados evidenciam que os docentes enfrentam desconfiças, sobretudo relacionadas ao cuidado corporal das crianças, além de expectativas diferenciadas em relação às suas práticas. Apesar disso, o estudo também evidencia que muitos desses professores constroem vínculos sólidos com as crianças e conseguem ampliar a compreensão da comunidade escolar sobre masculinidades plurais.

Em “Vivências e experiências de professores homens na educação infantil: entre práticas e sentidos”, Ferreira (2023) discute vivências e experiências de professores homens na educação infantil, abordando práticas cotidianas e sentidos atribuídos à docência. Os sujeitos da pesquisa foram professores homens atuantes na rede municipal de Anápolis. A abordagem utilizada foi qualitativa, com entrevistas em profundidade, permitindo a coleta de relatos pessoais sobre o cotidiano escolar, relações de trabalho e construção identitária.

O estudo de Ferreira (2023) evidencia que os professores lidam com conflitos entre expectativas sociais e práticas pedagógicas, especialmente no que se refere ao cuidado físico e emocional das crianças. Destaca que, embora haja resistências, os docentes constroem uma prática comprometida com o desenvolvimento infantil e encontram apoio em colegas e gestores. Aponta ainda para a necessidade de políticas institucionais mais claras que promovam a inclusão e valorização da presença masculina na educação infantil.

Lima (2024), em “A experiência de ser homem e professor na educação infantil”, analisa a experiência de ser homem e professor na educação infantil em Fortaleza. A pesquisa, de abordagem qualitativa, contou com entrevistas com professores atuantes na rede municipal. O

lócus é composto por instituições de educação infantil da cidade, o que permite observar o contexto nordestino, menos representado nos estudos sobre masculinidades docentes.

Os resultados mostram tensões e obstáculos relacionados às representações sociais que marcam a docência masculina, especialmente no campo do cuidado. A pesquisa aponta que a presença masculina ainda é rara e vista pela comunidade escolar sob olhares de vigilância, mas também de curiosidade e acolhimento em alguns casos. Lima (2024) contribui ao revelar especificidades regionais e culturais do Ceará, indicando a necessidade de ampliar os debates no Nordeste.

Bard (2025), em “Professores homens na educação de crianças de 3 e 4 anos”, investigou professores homens que atuam com crianças de 3 e 4 anos, com foco nas narrativas infantis. O diferencial da pesquisa é que os sujeitos não são os professores, mas as próprias crianças, que relatam suas percepções sobre ter um professor homem. O estudo utilizou entrevistas lúdicas, conversas mediadas e escuta sensível como técnica de coleta de dados.

O lócus foi formado por instituições de educação infantil de Campo Grande. Os achados apontam que as crianças geralmente percebem o professor homem com naturalidade, reforçando que muitos preconceitos são construídos socialmente por adultos, e não pelas crianças. A pesquisa destaca a importância de ouvi-las como fontes válidas de conhecimento sobre o cotidiano escolar.

Ao mesmo tempo, cada pesquisa apresenta particularidades, seja em relação ao lócus, aos sujeitos investigados ou ao foco da análise. Estudos como os de Andrade (2022), Miranda (2022) e Ferreira (2023) concentram-se nas percepções dos próprios docentes, enquanto Bard (2025) inova ao trazer as crianças como protagonistas das narrativas sobre seus professores homens.

Há ainda pesquisas que exploram as motivações pessoais e profissionais para o ingresso e permanência na área, como Leandro (2023), e aquelas que analisam a experiência masculina a partir de contextos regionais específicos, como Lima (2024), em Fortaleza. Essas diferenças permitem compreender que, embora existam desafios comuns, a docência masculina se manifesta de forma diversa conforme o território, a cultura escolar e o grupo social envolvido.

Conclusões

A docência masculina na educação infantil permanece mínima no contexto educacional brasileiro. A feminização histórica do magistério influencia diretamente a baixa inserção de homens nessa etapa de ensino. Persistem estigmas, preconceitos e desconfianças associados à

atuação masculina no cuidado com crianças pequenas. Os estudos analisados evidenciam vigilância constante sobre o trabalho do professor homem na educação infantil alimentada pelos números casos de abusos.

A presença masculina contribui para a desconstrução de estereótipos de gênero no espaço escolar. Professores homens ampliam referências afetivas, sociais e pedagógicas, contribuindo para o desenvolvimento das crianças.

Conforme os resultados, as crianças demonstram naturalização acerca da presença masculina na docência, sem reprodução de preconceitos. A produção acadêmica sobre o tema concentra-se nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, com lacunas regionais.

Há necessidade de ampliação de pesquisas e políticas que valorizem a diversidade de gênero na docência. Assim, conclui-se que a inserção masculina fortalece uma educação infantil plural, inclusiva e equitativa.

Referências

ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira de. **Homens pedagogos: uma análise do trabalho docente na educação infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022)**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

BARD, Raquel Quintina Pereira. **Professores homens na educação de crianças de 3 e 4 anos: narrativas infantis**. 2025. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Faculdade de Educação, Campo Grande, 2025.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257–272, ago. 2002. DOI: 10.1590/S0101-73302002000300013

FERREIRA, Murilo Rocha. **Vivências e experiências de professores homens na educação infantil: entre práticas e sentidos**. 2023. Dissertação (Mestrado) – do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023.

FERREIRA, Murilo Rocha; OLIVEIRA, Ivanilton José de. A atuação do homem na docência da educação infantil no Brasil. *Revista Plurais – Virtual*, Anápolis-GO, v. 9, n. 3, p. 303-316, set./dez. 2019.

FREIRE, Juliana Alice Costa. **Mulher e educação: vozes, saberes e vivências de professoras na Escola Normal do Ceará/Instituto de Educação do Ceará**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

LEANDRO, Hugo Augusto Turaça. **A presença ainda incomum do homem nos ambientes da Educação Infantil: motivações para ingresso e permanência de profissionais de Campo**

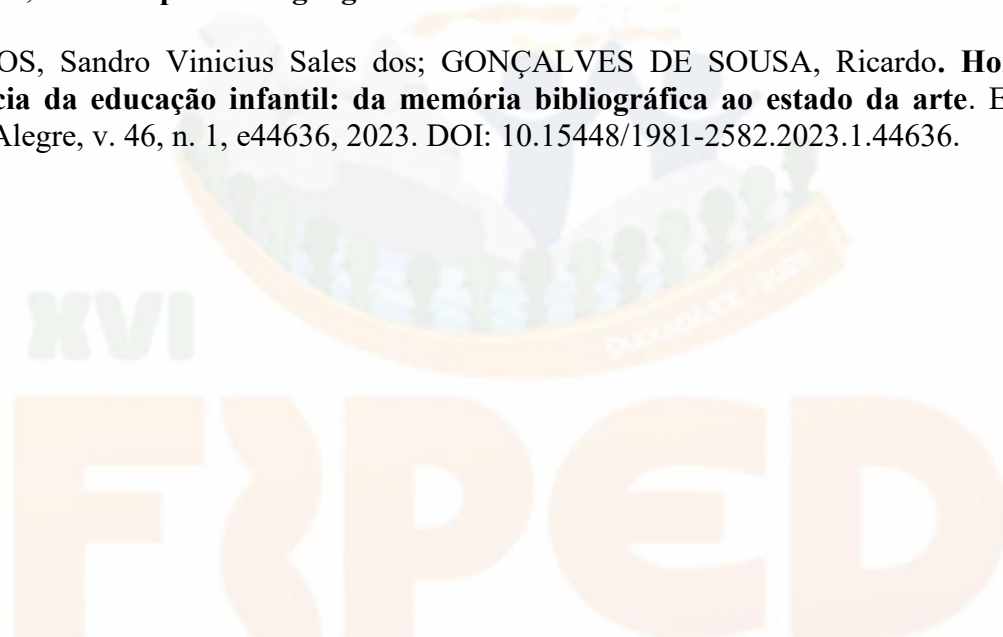
Grande-MS. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Corumbá, 2023.

LIMA, Andréa Mota de Oliveira. **A experiência de ser homem e professor na educação infantil em Fortaleza.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2024.

MIRANDA, Antonio Marcos de Sousa Barbosa. **Ser professor homem nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) de Belo Horizonte:** desafios, possibilidades e a relação com a comunidade escolar a partir da percepção de professores. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética.** São Paulo: 1972.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; GONÇALVES DE SOUSA, Ricardo. **Homens na docência da educação infantil: da memória bibliográfica ao estado da arte.** Educação, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e44636, 2023. DOI: 10.15448/1981-2582.2023.1.44636.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP